

EPISTEMOLOGIA, ANTROPOLOGIA E FÉ: Bases do Diálogo entre Teologia e Ciência.

EPISTEMOLOGY, ANTHOPOLOGY AND FAITH: Bases of the Dialogue between Theology and Science.

Filipe Agostinho¹

RESUMO

Compreende-se que teologia e ciência são duas áreas distintas que apresentam diferenças quanto a sua interpretação e métodos, ao passo que se pode observar semelhanças que favorecem uma aproximação. O trabalho pretende, com pesquisa bibliográfica, fundamentos que proporcionem diálogo entre aquelas áreas. Sugere-se que se descarte a cientificidade da teologia e se proponha afluir bases epistemológicas, antropológicas e a fé. Se esses critérios forem observados, entende-se que a função do diálogo de promover a mudança do mundo, é alcançada. Epistemologicamente, o falsificacionismo estabelece que a teologia não é ciência, mas valida o conhecimento teológico como legítimo e ambos gozam de racionalidade. Antropologicamente, entende-se que o homem busca compreender sua origem e sua realidade e ciência e teologia pretendem alcançar esse objetivo. E a fé, se compreende não apenas como um conceito religioso, mas também social, onde por meio de respeito e caridade, pode-se esperar que o outro tem condições de contribuir para o crescimento da sociedade.

Palavras-chave: diálogo, teologia, ciência, Antropologia, Epistemologia, Falsificacionismo.

ABSTRACT

It is understood that theology and science are two distinct areas that present differences in their interpretation and methods, while similarities can be observed that favor an approximation. The work intends, with bibliographic research, foundations that provide dialogue between those areas. It is suggested that the scientificity of theology be discarded and that it propose to inflame

¹ Especialista em Gestão Estratégica de Pessoas (PUCPR). Graduado em Teologia (FATIN), graduado em Administração (PUCPR),



epistemological, anthropological bases and faith. If these criteria are met, it is understood that the function of dialogue to promote change in the world is achieved. Epistemologically, counterfeiting establishes that theology is not science, but validates theological knowledge as legitimate and both enjoy rationality. Anthropologically, it is understood that man seeks to understand his origin and his reality and science and theology intend to achieve this goal. And faith, understood not only as a religious concept, but also a social one, where through respect and charity, one can expect that the other is able to contribute to the growth of society.

Key-Words: Dialogue, Theology, Science, Anthropology, Epistemology, Counterfeiting.

INTRODUÇÃO

O mote desse trabalho é facilitar o diálogo entre teologia e ciência, problematizando a tentativa de se encontrar bases para que ele aconteça. Essa demanda surge perante um contexto eclesial abalado pela relação da Igreja com a ciência, em especial aos anseios dos jovens cristãos. De acordo com Kinnaman (2011), mais de um terço desse público define os cristãos (católicos ou protestantes) como sendo confiantes por acharem saber “todas as respostas”; 29% desse público acredita que a Igreja está defasada perante o mundo científico atual; um quarto acredita que o Cristianismo é anticência; 36% sente não poder indagar a respeito de dúvidas sobre a vida na Igreja e 23% tem dúvidas intelectuais significativas sobre a própria fé. O antagonismo perante a ciência e o trato hostil com aqueles que manifestam dúvidas, foram definidos como dois de seis fatores que afastam os jovens da Igreja², fato que ajuda a entender o porquê de 59% dos jovens cristãos (18-29 anos) que regularmente frequentavam igrejas, já deixaram de fazê-lo em algum momento ou não o fazem mais (KINNAMAN, 2011).

² Os outros quatro fatores são: percepção de que elas são superprotetoras; proporcionam superficialidade na experiência com Deus; serem displicentes ao tratar a questão da sexualidade e apresentarem uma visão exclusivista do Cristianismo (que afasta amigos e a fé).



Considera-se, então, relevante procurar bases para o diálogo entre teologia e ciência, tendo em vista que a dificuldade da Igreja em lidar com a ciência tem dificultado e, por vezes, impedido jovens de permanecer nesta comunidade, o que traz implicações diversas para a pregação do evangelho.

Apresenta-se a conceituação de diálogo, teologia e ciência; semelhança entre eles e bases para o diálogo. Justifica-se essa pesquisa pela influência do conhecimento teológico e do científico na sociedade contemporânea, especialmente na visão de mundo do homem ocidental, a necessidade de aproximar Igreja da realidade cotidiana e, principalmente, para solidificar a comunhão dos jovens nas igrejas cristãs. Em suma, pretende-se desvendar possíveis caminhos para o diálogo com o alheio - por vezes desconhecido, por vezes desprezado e por vezes rejeitado -, em busca de melhor convivência. Metodologicamente se faz uma pesquisa bibliográfica baseada em autores que discursam a respeito dos embates entre ciência e teologia e outros que defendem o diálogo como instrumento de mudança do mundo.

1. TEOLOGIA E CIÊNCIA

Procurou-se em filósofos, cientistas, teólogos e pensadores, conceitos sobre a teologia e ciência, considerações sobre diferenças e semelhanças entre essas áreas e definições sobre o diálogo e suas implicações para a sociedade. A partir dessa fundamentação, elenca-se fatores que, se acredita, facilitem a aproximação de conhecimentos da teologia e da ciência e favoreçam o diálogo entre essas áreas.

1.1 Diálogo

Apesar de algumas semelhanças, não se negam diferenças entre teologia e ciência. Em debates conflitantes, exalta-se o papel da diplomacia em busca de diálogo entre as partes. Por isso, antes de se aprofundar em algumas questões, vale compreender o



confronto que há por detrás desses dois polos e apresentar bases (condições) para que o diálogo ocorra.

Qualquer conversa entre duas pessoas faz surgir um diálogo. No entanto, alguns pensadores aprofundam o seu significado e oferecem outra perspectiva. Numa discussão na qual o embate é garantido, válido é determinar não só o conteúdo do diálogo, mas também, o que ele é e no que ele implica. Para Cárdias (2006), o diálogo é o intercâmbio vivo daqueles que falam uns com os outros e conduz o homem à reflexão permitindo a compreensão do mundo, uma experiência de aproximação com o outro, comunhão e cria novos encontros humanos. Dalbosco (2006) afirma que a linguagem se manifesta por meio do diálogo, no qual os envolvidos – sempre no mínimo duas vozes – se constituem como procedimento humano e base para a compreensão. Já nas palavras de Fávero (2002, p.114), “o diálogo é a relação de um ‘eu’ frente a um ‘tu’, [pressupondo-se] a existência de saberes nos dois sujeitos que compõe os polos da relação”.

Freire (1987) amplia essa discussão. Ele defende que o diálogo é o encontro dos homens pronunciando o mundo, isto é, pessoas compreendendo e modificando o mundo e, dessa forma, não esgota na relação eu-tu, pois envolve a ‘palavra’ em duas dimensões distintas: ação e reflexão. Em outras palavras, é inegável que o diálogo implica troca e influência, alcançando os envolvidos e avançando sobre outros entes.

O diálogo é base da mudança, ao passo que não é possível transformar o mundo no silêncio nem em falsas palavras; o diálogo não pode reduzir-se em um ato de depositar ideias, nem ocorrer em meio à autossuficiência ou entre indivíduos que querem a mudança e os que não a querem; nem entre os que negam abertura à palavra e os que se percebem sem direito a ela. Sem incorrer em ação, sacrifica-se a reflexão e ocorre “palavrearia”; restrita à ação, torna-se ativismo (FREIRE, 1987).

Bourdieu (1983), por outro lado, defende que não é a palavra que age nem a pessoa que a pronuncia. Para ele, são as



instituições sociais que são a base do diálogo, pois apresentam condições para as ações das pessoas, numa relação de autoridade. As palavras são “confrontos sociais em busca de sentido”, isto é, relações da linguagem, as quais são tão complexas que emissores e receptores das palavras podem construir interpretações antagônicas (SANTOS, 2011). Deste modo, o sucesso do reconhecimento da linguagem, por indivíduos em campos opostos, acontece ao se estabelecer o consenso.

A influência das instituições sociais ocorre por meio da autoridade que exercem sobre seus associados, mas isso não retira a força da palavra que ocorre no diálogo. Os polos ou entes envolvidos devem estar conscientes de sua capacidade não só de se comunicarem, mas também da possibilidade de alteração de sua realidade. Nas sociedades atuais, existe tendência de valorização do individual em detrimento do coletivo, assim, as pessoas se fecham em seus mundos e se tornam incapazes de abrir-se para o outro (CÁRDIAS, 2006). Essa situação reforça a importância de se valorizar o diálogo, pois ele favorece tanto a aproximação de pessoas quanto a força do coletivo.

Após compreender o alcance do diálogo, cabe descrever um dos polos do diálogo ansiado por esse trabalho: a teologia.

1.2 Teologia

Etimologicamente, teologia significa um saber, um conhecimento a respeito de Deus, no qual Ele é colocado em discurso humano (LIBANIO; MURAD, 1996). Esses autores afirmam que o termo surgiu no teatro do mundo grego antigo quando, acima do palco, havia um espaço para aparecimento dos deuses chamados: “*theologeion*” e, por sua vez, o verbo “*theologeo*” designava tanto a oração quanto o hino às divindades como a ciência das coisas divinas.

Os primeiros a serem chamados teólogos foram os poetas religiosos, os sacerdotes de Delfos e os ministros do culto do



Imperador; Platão, na República, deu à palavra teologia um conteúdo racional: “estudo crítico da mitologia” (MORI, 2007).

Diante disso, nos primórdios da Igreja Cristã, tentou-se evitar o uso do vocábulo teologia para diferenciar-se do estudo de outras vertentes religiosas; na escolástica se percebe o termo “*Sacra Doctrina*” (LIBANIO, MURAD, 1996). Acredita-se que hoje a teologia defina-se mais como a expressão do homem a compreender a divindade do que a expressão da divindade permitindo-se ser compreendida pelo homem.

Para Rahner (1971), a teologia exprime uma concepção da existência do homem, que, no plano dos princípios, antecede à ciência e à sua concepção de mundo e, sendo assim, pretende produzir enunciados sobre Deus e de todo o resto enquanto se relaciona com Deus, tendo-se Ele como fundamento da realidade observada. Para Grudem (2009), há um caminho prático na teologia ao se afirmar que os escritos bíblicos estão repletos de trechos para aplicação pessoal.

No intuito de se compreender a teologia, cabe diferenciá-la da teosofia, a qual está mais para uma especulação filosófica de raiz mística em busca de interpretar a sabedoria divina e envolvida com o sentimento religioso do que a um discurso intelectual, como deseja a teologia (OLIVEIRA, 1975). Isso que significa dizer que a teologia se aplica a interpretar de maneira inteligível sua realidade a partir de seus pressupostos evitando especulações de ordem mística – enquanto possível – e determinando parâmetros de interpretação do discurso divino. Sendo um de seus ramos, a teologia Cristã, evidentemente, enfatiza o conhecimento acerca de Jesus de Nazaré e as concepções teológicas e doutrinárias a ele aplicadas.

Ao longo da História, diferentes foram as abordagens que ousaram significar a mensagem de origem cristã. Libanio e Murad (1995) e Mori (2007) fornecem um rápido panorama a esse respeito: diante da época da igreja primitiva e patrística, a teologia Cristã apresenta um sentido afetivo e experimental da fé; na escolástica, assume sentido de busca de compreensão ontológica e



estrutural; na época moderna, marcada por Lutero, levanta-se contra a escolástica e se discursa uma teologia existencial com forte embasamento nas Escrituras; a partir do século XIX, por meio de Hegel, Kierkegaard, Schelling, a filosofia também passa discursar sobre Deus, ampliando os limites da teologia, a qual deixa de ser um discurso prioritariamente eclesial; surgem, então, ciências como psicologia e sociologia – temas anteriormente teológicos – que ameaçaram a teologia de perder sua especificidade; no século XX, a teologia busca resgatar suas origens - uma essência litúrgica mística e existencial pelo prisma católico e um caráter hermenêutico e a estrutura existencial pelo prisma protestante.

De fato, cabe sintetizar que a teologia representa tanto o homem interpretando o divino como também interpretando sua própria realidade. Desse modo, ao passar do tempo, novos homens e novas abordagens influenciam o discurso teológico, o qual é confrontado com os avanços científicos. A seguir, apresenta-se uma revisão conceitual a respeito da ciência.

1.3 A Ciência

Na Grécia Antiga, o termo “filosofia” abrangia todo conhecimento e as ciências - que hoje são chamadas por nomes diferentes-, eram partes dela. Essa multiplicidade implica em algumas dificuldades. Dizer que há várias ciências pode significar uma separação radical entre tipos diferentes; dizer que a uma base única em comum, pode auxiliar a diferenciar ciência do que não é (SEIFERT, 2012).

Dentre diversas possibilidades de conceituação, pode-se definir ciência como o conjunto de conhecimentos obtidos por meio de investigação objetiva, sistemática e empírica, ou seja, conhecimentos vinculados que formam uma teoria gerada por investigação criteriosa, metódica, dentro da lógica ou coerência (MEGALE, 1990).



Assim como apresentado para a teologia, a ciência recebeu influências ao passar do tempo. Para Japiassu (1991), a construção da ciência é fruto basicamente de dois fatores essenciais à sua análise: do contexto histórico de sua elaboração, incluindo aspectos sociais, econômicos e políticos, dentre outros; e de seus atores, quer sejam eles aqueles que constroem o saber, aqueles que o criticam ou ainda aqueles que dele se beneficiam.

Dada a abrangência do conhecimento científico, existem diversas classificações. Uma delas é a divisão tripartite: ciências formais, ciências naturais e ciências humanas e sociais (SEIFERT, 2012). De modo parecido, Megale (1990) classifica a ciência entre exatas, naturais e Humanas e sociais. Para esse autor, as ciências Exatas são abstratas, sendo que algumas não precisam de confirmação empírica (Matemática, Geometria e Astronomia); as ciências Naturais têm como objeto de estudo as coisas concretas, os seres vivos (Geografia, Botânica, Biologia, Química e Física); Já as ciências Humanas e sociais investigam as relações sociais, estuda o homem não como ser vivo, mas como ser social, como criador de cultura, em quaisquer que sejam os aspectos da vida social, como Antropologia, Direito, Economia, Psicologia Social e Sociologia.

Jensen (2013) afirma que ciências naturais possuem essência nomotética, isto é: procuram estabelecer leis gerais e teorias que possam ser testados. Por sua vez, as ciências humanas essência ideográfica possuem essência ideográfica por buscarem descrições únicas e relações entre generalizações e dados mais circulares. Dessa maneira, não é possível explicar fenômenos sociais ao estilo das ciências naturais. O sociólogo Augusto Comte defendia o estudo dos fenômenos sociais como objetos da denominada física social a qual, possuiria o mesmo espírito de fenômenos astronômicos, químicos e fisiológicos (MARTINS, 2006). Mas, mesmo que ele defendesse igualdade entre as ciências naturais e sociais, as diferenças entre elas limitam possibilidades de ciências sociais fazerem relações positivas de causa e efeito.



Para Winch (1970), explicar fenômenos sociais não é possível por meio de categorias causais ao estilo das ciências naturais, pois as ciências sociais dependem das razões e motivações, as quais residem nos desejos, sentimentos, crenças e anseios das pessoas. Ou seja, as ciências sociais têm o propósito de compreender a vida social, visto que entender qualquer aspecto que se esteja investigando em uma sociedade, demanda uma referência à história, às instituições, aos regulamentos, aos ritos que sejam próprios dela (SEIFERT, 2012).

Diante do exposto, as transformações da ciência a aproximam para um Diálogo com a teologia. Esse trabalho segue, nas próximas linhas, a apontar bases para que o diálogo aconteça.

2. AS SEMELHANÇAS ENTRE TEOLOGIA E CIÊNCIA

Defende-se a possibilidade de diálogo entre teologia e ciência, na condição de complementariedade entre uma e outra. Ao se abordar a questão do diálogo, se pretende uma aproximação e não um ‘proselitismo’, de qualquer um dos lados. As informações da ciência e da teologia podem entrar em conflito entre si ou se complementar, pois lidam com diferentes questões acerca do mundo e não porque fornecem respostas para as mesmas classes de questões (BRÜMMER, 1991). “[No diálogo], o confronto de saberes, porém, requer dos sujeitos a partilha da palavra e a concessão de que seus saberes não são absolutos” (FÁVERO, 2002, p.114). O que se pretende não é a concessão dos fundamentos que conferem autoridade à teologia e à ciência, mas sim no status dos saberes. Não se faz necessário que um diálogo se faça mediante um jogo de perguntas e respostas ou “ping-pong” de troca de informações. (GADOTTI, FREIRE, 1995).

Uma semelhança, entre teologia e ciência, é o senso de propósito. Segundo Sanches (2007) nem ciência nem teologia possuem sentido em si mesmo, visto que as duas precisam ser vislumbradas como instrumentos de auxílio à vida humana,



tornando-a mais viável e com mais sentido; isto é, o encontro delas é inútil caso não resulte em impacto na dimensão ética.

Outra aproximação é a produção de teorias. Jensen (2013) afirma que num estudo geral da ciência, utilizam-se conceitos, hipóteses, definições; e isso se aplica à teologia também. Para haver conhecimento, as teorias são condição fundamental: não ocorrem pelos fatos, mas, sim, os fatos são produzidos em relação às teorias.

Pannenberg, Murphy e Clayton consideram as doutrinas teológicas como teorias científicas e tentam transplantar para a teologia metodologias propostas para as ciências naturais. No entanto, esse arranjo é demasiado complexo, ainda mais quando surgem exigências que a teologia não pode cumprir (FONTANA, 2008). Dessa forma, a pronúncia de teorias de ambos os lados se relaciona melhor com o status de semelhança do que o status de base para o diálogo. Essa tentativa de considerar teologia também ciência, resulta da influência da modernidade que incutiu à ciência um status de grande valia, o de possuir a verdade, ainda que isso venha perdendo crédito nas últimas décadas (FONTANA, 2008).

Outra semelhança é a utilização de métodos, ainda que métodos científicos difiram dos teológicos. Os primeiros são empregados para controle e manipulação direta de um fenômeno, já o segundo depende de autorrevelação ou de uma fonte de autoridade. Enquanto o cientista tem o auxílio de instrumentos, o teólogo (em busca de Deus), não conta com instrumentos para tal (MARCUM, 2007). Todavia, uma abordagem crítica é compartilhada entre ciência e teologia: a compreensão dos dados da experiência, a avaliação de veracidade dessa compreensão e a decisão de como agir diante dessa compreensão (LONERGAN, 1972).

Por fim, a limitação do alcance do conhecimento da teologia e da ciência são evidentes, sejam quais forem suas alegações. Tanto a ciência quanto a teologia buscam a verdade, ambas são autocríticas quando não a alcançam. Ambas, diante do mistério,



são persistentes, mas limitadas (PETERS; BENNETT, 2003). Pode ser que algumas pessoas não sejam tão autocríticas quanto se defende, mas os limites enfrentados por cada área favorecem o diálogo à medida que ambas buscam verdades. Dessa forma, coloca-se o mundo perante uma “teologia pública”, onde ocorre um diálogo com as ciências, buscando uma pretensão da verdade que seja defensável na arena pública e diante de uma ciência que parece um fenômeno social com a subjetividade existente na teologia, Filosofia ou Política (RUSE, 2000; CRUZ, 2008).

Sem enfatizar o mérito das semelhanças, Cruz (2001) aponta que teologia e ciência não se sobrepõem, visto possuírem abordagens divergentes, nas quais a ciência procura compreender o caráter factual do mundo e a teologia busca dar sentido à vida e uma base moral. No entanto, não buscar intersecções entre essas duas áreas pode trazer prejuízos. A ciência sem a contribuição da teologia pode se tornar desprovida de sentido, ao passo que a teologia sem a ciência corre o risco de se tornar imaginária (MARCUM, 2007).

O diálogo se torna mais possível quando as semelhanças são apresentadas. O senso de propósito é inerente à teologia, assim como para a ciência. Ambas produzem teorias de acordo com suas observações e utilizam-se de métodos coerentes e racionais em buscas de respostas, as quais sofrem de limitações, embora isso não as impeça em suas buscas.

É válido observar o atual contexto no qual se pretende desenvolver o diálogo. A teologia, se abre para o diálogo: o que outrora resistia séculos, hoje possui agilidade com produções novas e renovadas, como nos debates culturais, onde ela serve de instrumento que pode evitar unilateralismos, isto é, equívocos científicos podem ser impedidos mediante debate com a Ética Cristã (MARCUM, 2007).

Durante muito tempo, exaltaram-se as verdades elaboradas dentro da ótica da experiência, da verificação, da matemática, do pragmatismo e, por consequência, diante desses critérios de



reconhecimento científico, as ciências sociais ficam um tanto quanto, deslocadas (SUSIN, 2006).

Pelo prisma da multidisciplinaridade das ciências sociais aplicadas vislumbra-se também a necessidade de diálogo permanente entre elas e as demais ciências. O risco de se incorrer na falta de comunicação com outras áreas é grande, o que se manifesta também na fragmentação do próprio corpo de conhecimentos da Administração: o diálogo deve dar conta de suas transformações e ao mesmo tempo alimentar as demandas de conhecimento internas (LEMOS, BAZZO, 2011).

O cenário parece ser uma mesa de debate de dois sujeitos de cabelos brancos, os quais já passaram suas épocas de radicalismos e inadmissibilidades. Tanto um quanto outro já tiveram seus dias de reinado quase inquestionável. Hoje, as teologias, como também todas as ciências, sofrem de perda de unidade, de sistematicidade, visto que se especializam cada vez mais em segmentos pormenorizados e, conseqüentemente, o nível de informação cresce, e o de síntese diminui (LIBANIO, MURAD, 1996). Nesse grande número de informações, classificações e detalhamentos, entende-se as tentativas de pesar os dois lados do diálogo. O teólogo Ian Barbour aponta uma classificação para enquadrar o grau de comparação entre ciência e teologia: conflito, independência, diálogo e integração (CRUZ, 2001). Nessa abordagem, o diálogo se configura como uma classificação onde tanto ciência quanto teologia possuem algo a compartilhar uma para com a outra a respeito de fenômenos de interesse de um de outro (POLKINGHORNE, 2007).

De fato, qualquer postura contrária às tentativas de diálogo como proposto nesse texto, impede o compartilhar. Se um dos lados não valoriza a troca, não há possibilidade de crescimento. Segue-se a seguir, propostas para bases para o diálogo.



3. AS BASES PARA O DIÁLOGO

A primeira base para o diálogo entre teologia e ciência é a Fé. A ciência argumenta contra a teologia por ela fundamentar-se na fé. No entanto, em defesa da teologia, diz-se que ela se impõe como o “Logos da Fé” e não meramente fé, pois em sua história milenar, a teologia consistiu em distinguir-se da mera crença (HAMMES, 2006). É possível questionar a fé enquanto pressuposto simplesmente religioso. O termo está ligado à religião, mas não é exclusivo dela. A fé pode ser definida como uma crença que envolve intensidade de aquiescência, a qual se liga emocionalmente à pessoa. Fé é um forte assentimento da mente, no sentido de que somente o ato de crer, sem uma razão para crer, pode significar que o sujeito está enamorado de suas próprias fantasias (SEIFERT, 2012).

A fé é necessária para que existam diálogos, ainda que os polos envolvidos estejam despidos de noções ou condições religiosas. Não há diálogo, se não há uma intensa fé nos homens e em seu poder de fazer e de refazer (FREIRE, 1987). Ou seja, a fé ocorre não somente do sujeito para o divino, mas também do sujeito para o sujeito. Além disso, não se pode defini-la como irracional.

Na fé envolve-se um método de apropriação daquele aspecto humano chamado crença, enquanto dimensão existencial ora subjetiva e ora social, percebida em sua relação com a realidade e a sociedade e por isso, não se deve julgar de imediato que a fé é algo irracional, pois ela pode ser aplicada a um conjunto muito amplo de sentenças e pode ser o caso de serem algumas delas racionais e outras irracionais (HAMMES, 2006; SEIFERT, 2012). A questão da racionalidade, então, recai sobre as sentenças, não sobre a fé; ela tem a condição de ser depositada nas proposições humanas de modo que, empenhada, não é capaz de racionalizá-las.



Para além da questão da racionalidade, implica-se que a aproximação do sujeito com outro sujeito, em busca de diálogo, seja permeada pelo respeito. Ele é um lubrificante para uma troca eficaz. De acordo com Brümmer (1991), um diálogo intenso entre teologia e ciência necessita de sensibilidade para as preposições “tácitas” nas quais as alegações, de uma e de outra, estão fundamentadas. Ainda mais que hoje se tem clareza de que a diferença não deve apenas ser respeitada; ela é fundamental para uma filosofia do diálogo (GADOTTI, FREIRE, 1995).

O respeito às diferenças perpassa a diferença de pensamento ou opinião. Dialogar com a diversidade cultural, religiosa, e por que não, científica dos múltiplos saberes humanos e se abrir para valores diferentes dos seus, são fundamentais para a efetividade da diversidade e do acesso a novas conquistas e descobertas do homem e ampliação da visão de mundo (SANCHES, 2007).

Para Marcum (2007), o princípio da caridade traz um significado fundamental para se manter a integridade da ciência e da teologia e isso implica que cientistas e teólogos precisam respeitar métodos e metafísica uns dos outros e comportar-se de modo caridoso durante o exame de reivindicações epistemológicas. Do ponto de vista epistemológico, a fé não é racional nem irracional: seria irracional se a pessoa que a mantém não fosse capaz de produzir evidência alguma em seu favor, por outro lado, a crença pode ser racional sem que seja aceita por todas as pessoas racionais que a discutem (SEIFERT, 2012). Para o diálogo entre teologia e ciência, o prisma epistemológico vai além do olhar a respeito da fé, pois ele permite questionar o conhecimento em ambos os lados.

A Epistemologia define-se como a teoria da compreensão do conhecimento, isto é, a busca dos dispositivos, pelos quais, se obtém e se compreende o conhecimento e como esse está relacionado com a crença e com a justificação, assim como entender porque algumas atividades são consideradas ciência e outras não (CHALMERS, 1993). Nesse mesmo entendimento,



Tesser (1995), conceitua Epistemologia como uma reflexão profunda a respeito da ciência e suas implicações.

Seifert (2012) define que questões a respeito da natureza ou dos limites do conhecimento assim como questões gerais sobre ciência, moral, religião, filosofia se constituem como Epistemologia Geral. Diversos intelectuais têm se empenhado na Epistemologia, como os filósofos Piaget, Bachelar, Foucault, Popper e Habermas, os quais são considerados radicais ao questionar a ciência e a tecnologia ao passo que passaram a fazer parte do dia-a-dia da sociedade (TESSER, 1995).

Sem a pretensão de esgotar o assunto, vale resumir as principais abordagens da Epistemologia em três áreas, de acordo com Jensen (2013): Empirismo, Racionalismo e Construtivismo. No Empirismo, o meio para se construir o conhecimento procede da indução e o critério de validade é fornecido por referência ao domínio empírico, ou seja: o alicerce do conhecimento do mundo é oriundo da experiência, por meio de sensações, as quais se baseiam em crenças básicas do sujeito. Por sua vez, no Racionalismo, interpreta-se o mundo por meio de considerações inatas e estáveis, as quais, não derivam diretamente da experiência, pois o conhecimento é formado por mecanismos cognitivos. O Construtivismo defende que condições e forças sociais são responsáveis pelo conhecimento. Nessa perspectiva, não está em primeiro plano a busca tradicional de certeza e justificação, de modo que se torna mais relevante a sua coerência, sendo assim, o foco é menor na referência e maior na intersubjetividade.

Por essa perspectiva, o Empirismo limita o diálogo entre teologia e ciência pois somente o conhecimento que pode ser experimentado e comprovado tem valia. O racionalismo enfatiza o mecanismo cognitivo e inviabiliza o mecanismo metafísico. O Construtivismo favorece o caminho do diálogo ao valorizar a coerência e despreza as condições inatas e estáveis.

A respeito dessa condição estável, Marcum (2007) afirma que a integração de alegações epistêmicas em uma única



estrutura, atraente por levar uma certeza de conhecimento e pode comprometer a integridade ou da ciência ou da teologia. A amplitude do conhecimento atual evidencia a fragilidade da pretensão de um conhecimento sem pressupostos (HAMMES, 2006). Apesar de facilitar o caminho, o Construtivismo pode dificultar a relevância do diálogo. O pós-modernismo tem afetado a autoridade das ciências humanas nas últimas décadas, o qual representa um uso indevido do Construtivismo e se aponta como uma doutrina da 'igual validade' (BOGHOSSIAN 2012). Desse modo, em forma radical, faz-se impossível decidir a validade e a solidez das proposições, pois independentemente do objeto ou do sujeito e do método, seja o que for, torna-se verdadeiro (JENSEN, 2013).

Esse Relativismo reduz a significância do diálogo na dimensão plena que ele é capaz de atingir. Em contraste a essa abordagem e em busca de estabelecer uma base adequada para o diálogo, se propõe utilizar um critério mais promissor: o Falsificacionismo. Popper (1982) desenvolveu essa teoria, a qual admite-se como uma testabilidade das hipóteses e teorias, onde elas devem ser capazes de entrar em conflito com observações possíveis ou concebíveis. Seu nome deriva-se da condição de que a hipótese precisa suportar tentativas que possam falsificá-la (SEIFERT, 2012).

Tal abordagem é fundamental para o diálogo pretendido, pois não minimiza o conhecimento e nem desfavorece nem a ciência nem a teologia, mas as diferencia. O Falsificacionismo permite que uma teoria seja científica e também falsa, admite a distinção entre ciência e pseudociência e ampara a coexistência de conhecimentos e verdades científicas e não científicas (SEIFERT, 2012). Nessa perspectiva, qualquer teoria que se presta à discussão crítica procura resolver problemas. Desse modo, ainda que doutrinas teológicas gozem de irrefutabilidade, estas sujeitam-se à racionalidade em para se definir se elas são mais razoáveis de serem possíveis do que não serem (FONTANA, 2008).



Sendo assim, pelo prisma epistemológico, é fundamental o critério de cientificidade. Um dos argumentos da censura ao debate reside no fato da teologia não ser ciência e por esse motivo, não haveria possibilidade de diálogo entre as partes. A Metafísica não é capaz de produzir ciência (QUEIROZ, SOBREIRA, 2016). Mas, esse dilema – de não ser ciência - não ocorre somente com a teologia. Na visão de Drucker (1998), a Administração seria exercício e desempenho, não sendo conhecimento nem ciência, da mesma maneira que ocorre com Medicina, Advocacia ou Engenharia. Para Maximiano (2004) A Administração é uma arte, no sentido de profissão ou área de ação humana. Hammes (2006) também discute o caráter científico da Filosofia, do Direito e das ciências sociais, mas é enfático em dizer que para a teologia, o confronto é muito mais penoso.

No caso particular das ciências sociais aplicadas, o diálogo com a teologia perpassa pelo questionamento sobre sua condição científica. Ainda que alguns autores possam não a reconhecer como ciência, não se nega seu caráter científico. De certa forma, isso já a caracteriza como sendo de natureza diferente da teologia. Vale apontar que o caráter científico, diante das épocas, influenciou o “comportamento” dos estudos teológicos. Tal influência gerou demandas teológicas. A teologia se desenvolve por meio de demandas³.

Para Libanio e Murad (1996) e Mori (2007) existe um panorama de cientificidade da teologia: do início do Cristianismo até a Reforma, a teologia, ocasionalmente, refuta a identidade de ser ciência, por desprezá-la; perante a lógica, a investigação surge rompendo com a autoridade eclesiástica; O problema foi grande no Iluminismo, visto que se pretendia obter liberdade e a teologia se empenhou em demonstrar inteligibilidade em suas produções; o conflito ampliou-se com o Positivismo que reduziu as ciências aos métodos positivos; e a teologia buscou defender que sua

³ Afirmação proferida pelo Dr. Gelci Colli em aula da disciplina de teologia do Velho Testamento do curso do Bacharelado em teologia no dia 21 de janeiro de 2017 em Curitiba.



experiência é a do logos; perante a ciência moderna, a teologia embasou o conhecimento em processos cognitivos que procuram ser fundamentados tanto como os das ciências naturais; perante as críticas sobre sua possível insignificância, a teologia se mostrou apta a oferecer sentido à existência do indivíduo e também inspirar uma prática social pautada na transformação da sociedade e dos que a realizam.

Essa revisão histórica demonstra o desafio da teologia diante da ciência. De forma simplista, ela foi convidada a responder diante da evolução das ciências para que não se demonstrasse ineficaz ou sem utilidade. Porém, mesmo perante as investidas contra ela, a teologia procurou apresentar-se como capaz agregar conteúdo à sociedade.

E, por fim, vislumbra-se a Antropologia como base para o diálogo. A Antropologia é a ciência “dos observadores capazes de observarem a si próprios”. (LAPLANTINE, 1998, p. 170). Teologia e ciência se vinculam pelo fator antropológico⁴. O sentido e a função das instituições se dão por uma consciência individual; o Homem para si mesmo é uma incógnita e de certa forma se esforça para criar um conhecimento que explique sua forma de existir, de produzir costumes e de apontar sua origem de acordo como ele pensa ou acredita (QUEIROZ, SOBREIRA, 2016).

Compreender o homem, desenvolver métodos que expliquem sua existência, sua origem, seu destino, sua força, suas ações. Tais elementos se encontram fortemente vinculados aos dois polos do diálogo. A aproximação não pode se impor por meio de respostas absolutas. Por nenhum dos polos. Na aproximação do homem com seus semelhantes, surgem questões sociológicas. Nesse caso, a partir do prisma antropológico, as demandas sociais também sustentam o debate entre teologia e ciência.

⁴ Afirmação proferida pelo Dr. Albert Friesen em Seminário de teologia da FACEL, em Curitiba, Abril 2017.



Faz-se necessário entender aspectos sociológicos que permeiam os indivíduos, pois elas influenciam o pensamento e ação do homem. A Sociologia fornece métodos e condições para explicação da vida social. Na concepção de Comte – considerado um dos fundadores dessa ciência – tal ciência orienta-se para compreender as leis imutáveis da vida social, mas essa definição, implica numa abstenção de qualquer crítica acerca da realidade e se inclina para o campo de proposições como nas ciências Naturais e defende que a ciência conduz à previdência, a qual permite regular a ação (MARTINS, 2006).

Autores mais modernos trazem outra abordagem acerca da influência da vida social. Bourdieu, por exemplo, aponta uma troca entre as realidades do mundo e a do indivíduo, numa teoria denominada *Habitus*. Essa abordagem concilia a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais e possibilita o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades, sendo, um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação que é experimentado e posto em prática, tendo em vista que as conjunturas de um campo o estimulam: ou seja, o individual, o pessoal e o subjetivo são sociais e coletivos (BUORDIEU, 1994, SETTON, 2002).

Importante ressaltar que o diálogo entre teologia e ciência não ocorre pelas ciências da religião. Um cientista observando o fenômeno religioso, parte primeiro da ciência e não possui (a priori) o pré-requisito da fé religiosa (OLIVEIRA, 1975). O teólogo almeja ‘proteger e enriquecer sua tradição religiosa’, por isso ser religioso é fundamental para teólogos, e é dispensável para cientistas (GRESCHAT, 2005; FONTANA, 2008).

Também não se pode assumir o conhecimento de um dos polos e transpô-lo totalmente para o outro polo. Um dos exemplos disso são as considerações acerca da dualidade onda/partícula da luz como sendo valorosas para a teologia buscar entendimento da realidade de Jesus Cristo (CRUZ, 2008). Nesse caso, a teologia procura enriquecer a religião ao propor utilizar a dualidade como



amparo possível para humanidade/deidade de Jesus, no entanto, a Física compreende bem a dualidade, a qual, de forma simplista, não é suficiente para resolver o problema do humano e do divino em Cristo (POLKINGHORNE, 2007).

Vale questionar o alcance da pureza do resultado da explicação científica, como alertam Foucault e outros filósofos da desconstrução da neutralidade das ciências, visto ser confeccionada debaixo de ideologias (SUSIN, 2006). O cientista só garante a objetividade da aproximação quando neutraliza sua própria qualidade de sujeito e de seus pressupostos, isto é: o ideal do conhecimento objetivo reside em suprimir do sujeito sua interferência na apreensão do que está fora de si (HAMMES, 2006). Cabe então refletir a respeito dos limites possíveis para separação do sujeito e do objeto. Da mesma forma que os valores cristãos influenciam os teólogos, não é admissível que os valores dos cientistas não impactem suas pesquisas, ainda que estes procurem se afastar dos objetos.

Diante disso, a busca de resultados sem influências subjetivas pode incorrer em riscos. Tal isolamento, implicaria em situações perigosas, como por exemplo, uma competência tecnológica atômica, sem dialogar com critérios subjetivos, colocaria em risco o resultado e também o sujeito (HAMMES, 2006).

A diferença entre ciência e teologia proporcionam conflitos, todavia, condições para crescimento mútuo e aí se defende o diálogo. Tanto a ciência quanto a teologia são prismas e maneiras diferentes para investigar a experiência da realidade e permitem dar sentido à vida (MARCUM, 2007). Tais conflitos não precisam ser reduzidos a barreiras ou desentendimento, mas situações que permitem uma evolução no jeito de compreender como se viver e transformar o mundo.



Considerações Finais

A proposta das bases para o diálogo entre teologia e ciência não pretende enrijecê-lo. Na verdade, o que se busca é enriquecimento. Defendem-se que elas são diferentes e que os esforços para cientificar a teologia são mais traumáticos do que profícuos. No entanto, compreender que existem semelhanças entre eles e que as diferenças são inerentes a qualquer discussão, não se pode esperar que diálogos ocorram de maneira tranquila ou totalmente voltada ao objeto da discussão. Por isso, ao estabelecer bases para o diálogo, supõe-se preparar os polos com o que se espera, antes da discussão de ideias.

Não são bases para definição do fim do diálogo, antes, pretende-se apontar os meios. Diálogos não ocorrem quando há arrogância ou ausência de vontade de mudar o mundo e a realidade. Portanto, define-se que para um diálogo entre teologia e ciência, os fundamentos são: A Epistemologia, A Antropologia e a Fé. Tais bases, se atenderem conceitos próximos ao apontados nesse artigo, permitem uma aproximação ao diálogo. Se, epistemologicamente, o conhecimento da teologia for válido, por sua possibilidade racional, mesmo sem poder ser falseável; se os conhecimentos de qualquer origem influenciam o comportamento da sociedade e das organizações, ainda que os indivíduos não compartilhem ou aprovelem tais informações, se o Respeito às diferenças lubrificam as relações sociais e permitem a troca e, essencialmente, se a condição antropológica traduz que o Homem busca compreender a si, o seu espaço, sua vivência e sua origem, então existem condições para o diálogo, o qual é relevante para a construção de indivíduos que tenham acesso a diversas possibilidades de respostas a seus anseios.

De outro modo, com outras configurações, as discussões e diálogos também podem ocorrer, todavia podem comprometer a possibilidade de crescimento e valorização do conhecimento tanto da teologia quanto da ciência. Sem interpretar a fé como inerente ao homem, sem compreender que existe racionalidade na teologia



ou se distanciando de qualquer proposição científica, as discussões podem produzir uma troca de palavras que se distancia da essência do diálogo: a busca e transformação do mundo em que se vive.

A questão do afastamento de jovens da igreja torna relevante para a teologia uma preocupação com o diálogo com a ciência. Não se pode tirar do enfoque teológico a aproximação à Cristo e os princípios cristãos e, nesse sentido, a ciência não é um ente maligno que corrompe a comunhão de jovens cristãos. Antes, enquanto teólogos, vale compreender caminhos para que exista diálogo entre questões teológicas e questões científicas. A dificuldade da igreja, em lidar com tais questões, precisa ser encarada com preocupação, mas sem pretensão de responder a cada uma delas. A dificuldade não é a falta de respostas, mas a falta de diálogo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGHOSSIAN, Paul. **Medo do conhecimento:** contra o relativismo e o construtivismo tradução Marcos Bagno. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Bourdieu.** Org. Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, P. O Campo Científico in **Sociologia.** São Paulo: Editora Ática, 1994.

BRÜMMER, V. “Introduction: a Dialogue of Language-games”, In: **Brümmer V. Interpreting the Universe as Creation.** Kampen: Pharos. 1991.

CÁRDIAS, Sibele Macagnan. **O diálogo como elemento mediador de práticas educativas reflexivas.** II Seminário



Nacional de Filosofia e Educação, Universidade Federal de Santa Maria. 27 a 29 setembro de 2006. Disponível em: <http://www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/022e4.pdf>.

CHALMERS, A. **O que é a ciência afinal?** Tradução 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

CRUZ, E; R. **Ser ou não ser consiliente:** eis a questão. História, Clínicas, Saúde, Manguinhos, vol. 8. n. 3 727-37, set.-dez., Rio de Janeiro. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8n3/7653.pdf> Acesso em: 12 mar. 2021.

CRUZ, Eduardo R. **De “Fé e Razão” a “Teologia e Ciência/Tecnologia”:** aporias de um diálogo e o recuperar da doutrina da criação. Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano III, n. 23. 2008. Disponível em: https://ciberteologia.com.br/images/edicoes/pdf/edicao_2020070717_2930.pdf. Acesso em: 12 mar. 2021.

DALBOSCO, C.A. **Incapacidade para o diálogo e agir pedagógico.** Passo Fundo, 2006.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Introdução à Administração.** 3ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

FAUSTINI, Junior, Silvio. Gestão de Pessoas no Ministério de Paulo em Éfeso: Atos 19:1-10. 2011. 121f. Dissertação (Mestrado Profissional em Teologia). Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2011. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/206/1/faustini_sj_tmp152.PDF. Acesso em: 12 mar. 2021.

FÁVERO, Altair Alberto. **Filosofia e Racionalidade.** Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2002.

FONTANA, Júlio. **Teologia, ciência ou metafísica?** Revista Eletrônica Correlatio, v. 7, n. 14, 2008, p. 172-194. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas->



[ims/index.php/COR/article/download/1158/1169](https://www.scielo.br/ims/index.php/COR/article/download/1158/1169) . Acesso em: 12 mar. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir; Freire, Paulo. **Pedagogia: diálogo e conflito**. 4. ed. – São Paulo: Cortez, 1995.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é ciência da religião?** São Paulo: Paulinas, 2005.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009.

HAMMES, Érico João. **Pode Teologia Ser Ciência?** Revista Trim, Porto Alegre, v. 36, n. 153, p. 541-554, set. 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/1747/1280> Acesso em: 12 mar. 2021.

JAPIASSU, H. O que é a epistemologia? in **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

JENSEN, Jeppe Sinding. **Introdução: temas epistemológicos para o estudo da religião**. Revista Rever. Ano 13, n.2, Jul/Dez 2013, p. 171 a 191. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/viewFile/18418/13662> . Acesso em: 12 mar. 2021.

KINNAMAN, David. You Lost me: **Why young christians are leaving church and rethinking faith**. Grand Rapids, Baker Books, 2011.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.



LEMOS, Dannyela da Cunha; BAZZO, Walter Antonio. Administração como uma ciência social aplicada: integrando ciência, tecnologia e sociedade no ensino de administração Revista Pensamento Contemporâneo em Administração. Rio de Janeiro v. 5, n. 3. set./dez. 2011. p. 1-14. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/11001/7796>.

LIBANIO, João. Batista; MURAD, Afonso. **Introdução à Teologia:** Perfil, Enfoques, Tarefas. 5ª Edição. Edições Loyola, São Paulo, 1996.

LONERGAN, Bernard. **Método em Teologia.** Tradução de Hugo Langone. São Paulo: É realizações, 2013.

MARCUM, JAMES A. **Explorando as Fronteiras Racionais entre as Ciências Naturais e a Teologia Cristã.** Revista Eletrônica Rever PUCSP, São Paulo, ano 7, n.1, março, p. 34-58, 2007.

MARTINS, Carlos Benedito. **O que é Sociologia.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

MAXIMIANO, Antonio César Amaru. **Introdução à administração.** 6. ed. São Paulo, Atlas, 2004.

MEGALE, Januário Francisco. **Classificação das ciências.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

MORI, Geraldo Luiz. **A Teologia e suas Interfaces com as ciências sociais no estudo da religião.** Revista Perspectiva Teológica, vol. 39. n. 109, 2007.

OLIVEIRA, Artur de. Teosofia in: **Enciclopédia Luso-brasileira.** Lisboa: Editorial Verbo, 1975, XVII, p. 1368-1369.

PETERS, Ted; BENNETT, Gaymon (orgs). **Construindo pontes entre a ciência e a religião.** São Paulo: Edições Loyola: Editora UNESP, 2003.



POLKINGHORNE, John. **O Debate Sobre Religião e Ciência: Uma Introdução.** The Faraday Institute for Science and Religion. Abr. 2007. Tradução de Guilherme V.R. de Carvalho. Set. 2007. Disponível em: <http://ultimato.com.br/sites/testedafebrasil/faraday-papers/o-debate-sobre-religiao-e-ciencia-uma-introducao-por-john-polkinghorne/>

POPPER, Karl. **Conjecturas e Refutações.** Brasília: UnB, 1982.

QUEIROZ, Pedro Fernandes de; SOBREIRA, Antonio Gonçalves. **Antropologia Geral.** Sobral, 2016.

RAHNER, K. **Teologia e Ciência.** São Paulo, Paulinas, 1971.

RUSE, Michael. **Metaphor in Evolutionary Biology.** Revue Internationale De Philosophie, vol. 54, no. 214 (4), 2000, pp. 593–619. JSTOR. Disponível em: www.jstor.org/stable/23955697. Acesso em: 12 mar. 2021.

SANCHES, Mário Antonio. **O Diálogo entre Teologia e Ciências Naturais.** O mundo da saúde, São Paulo, Ano 31, v. 31, n.2, p. 179-186, abr. /jun., 2007.

SANCHES, Mário Antonio; DANILAS, Sérgio. **Busca de harmonia entre religião e ciência no brasil:** reflexões a partir do Ano de Darwin. Revista Teocomunicação, PUCRS, Porto Alegre, v. 36, n. 153, p. 555-563, set. 2006.

SANTOS, Márcio Achtschin. **Uma leitura do campo jurídico em Bourdieu.** Fundação Educacional Nordeste Mineiro FENORD. Revista Científica Águia. V.1, n.1, p. 85 a 101, 2011. Disponível em: <http://site.fenord.edu.br/revistaaguia/revista2011/textos/Umaleituraocampojuridicopag86.pdf> Acesso em: 12 mar. 2021.

SEIFERT, Paulo Augusto. **Epistemologia das ciências sociais.** Curitiba, IESDE Brasil, 2012.



SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu**: uma leitura contemporânea. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 20, p. 60-70, ago. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000200005&lng=en&nrm=iso Acesso em: 12 mar. 2021.

SUSIN, Luiz Carlos. **O Estatuto Epistemológico da Teologia como Ciência da Fé e a sua Responsabilidade Pública no âmbito das Ciências e da Sociedade Pluralista**. Revista Trim, PUCRS, Porto Alegre, v. 36, n. 153, p. 555-563, set. 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/1748/1281> . Acesso em: 12 mar. 2021.

TESSER, Gelson João. **Principais linhas epistemológicas contemporâneas**. Educ. rev., Curitiba, n. 10, p. 91-98, dez. 1994. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601994000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 12 mar 2021.

VERGARA, S. C.; CALDAS, M. P. **Paradigma Interpretacionista**: A busca da superação do objetivismo funcionalista nos anos 1980 e 1990. Revista de Administração de Empresas. V.45, no 4, p. 66-72, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902005000400006&lng=pt&tlng=pt Acesso em 12 mar. 2021.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: UnB, 2000.

WINCH, Peter. **A Idéia de uma Ciência Social e sua Relação com a Filosofia**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1970.

